

#175

Amadeo em exposição no Grand Palais
Os universalistas em Paris
A mente criativa dos arquitetos portugueses
Fundações europeias unidas pelos refugiados



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS

abril



4

Fundações europeias unidas pelos refugiados

Os presidentes de sete *think thanks* e fundações da Europa, entre as quais a Fundação Gulbenkian, enviaram uma carta aberta à Comissão Europeia e ao Parlamento Europeu pedindo mais ação na resposta ao problema dos refugiados. A carta foi enviada dois dias antes do Conselho Europeu marcado para discutir a crise dos refugiados. A carta propõe medidas concretas, já que os seus subscritores consideram “urgente uma abordagem europeia comum, para complementar os esforços locais e nacionais”.

9

Maratona digital procura soluções para os mais velhos

Durante dois dias, jovens talentos em áreas como programação, *design*, engenharia e gestão, entre outras, vão participar no Hack for Good, uma maratona de desenvolvimento tecnológico (*hackathon*) para encontrar soluções inovadoras que possam ser replicadas internacionalmente, com foco no tema do envelhecimento. A **23 e 24 de abril**, mais de uma centena e meia de profissionais participará neste evento em que as três melhores ideias sairão premiadas.

20

Amadeo em exposição no Grand Palais

O historiador de arte norte-americano Robert Loescher disse um dia que Amadeo de Souza-Cardoso é um “um dos segredos mais bem guardados da arte moderna”. Praticamente desconhecido fora do território português, apesar de ter vivido em Paris, Amadeo regressa agora à capital francesa para uma grande exposição numa das salas mais visitadas – o Grand Palais. Helena de Freitas, curadora e especialista da obra do artista, considera que esta exposição “garante a visibilidade internacional de uma obra que se manteve invisível durante largas décadas e contribuirá certamente para projetá-la junto de um público alargado”.

26

Os universalistas chegam a Paris

A celebrar 50 anos de arquitetura portuguesa, a exposição *Les universalistes*, mostra-se também em Paris, na Cité de l’Architecture et du Patrimoine, a partir de dia 13. Com curadoria de Nuno Grande, esta exposição multimédia propõe um olhar sobre meio século de pensamento e produção arquitetónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitetos de referência. O tema do universalismo será apresentado, nas palavras do curador, como um posicionamento que vai passando de geração em geração. Ambas as exposições – *Amadeo* e *Les Universalistes* – assinalam o cinquentário da presença da Fundação Gulbenkian em França.



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, QUADRO G, C. 1912 © COLEÇÃO CAM/FCG

Índice

Notícias

- 4 Crise dos refugiados – fundações europeias exigem ação a Bruxelas
- 6 Apoio aos refugiados sírios na Arménia
- 7 Os Direitos Humanos e os desafios do século XXI
- 8 Prémio Calouste Gulbenkian
- 8 Prémio Vilalva
- 9 Soluções tecnológicas para os mais velhos
- 10 Mais cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane
- 11 Combate ao cancro em Cabo Verde
- 12 Conselho Científico reúne-se no IGC
- 12 Investigadoras do IGC integram livro *Mulheres na Ciência*
- 13 Diversidade dos elefantes em risco no Bornéu
- 14 FameLab

Aconteceu

- 15 Ciência em Cena: os vencedores
- 16 Programa de Estímulo à Investigação
- 18 Em defesa do valor dos oceanos
- 19 “A arquitetura é um serviço para todos”

Arte

- 20 Amadeo de Souza-Cardoso
- 26 Os universalistas chegam a Paris
- 30 Busto de Jean-Baptiste Poquelin de Molière

Conferências

- 32 *Inside a Creative Mind*

Música

- 34 De Patricia Petibon à Orquestra Juvenil Gustav Mahler

Leituras

- 37 José Pedro Croft e Ana Jotta

Ambientes

- 38 O Jardim Gulbenkian por Paulo Costa



ASPETO DA EXPOSIÇÃO *INSIDE A CREATIVE MIND* © MÁRCIA LESSA

32

A mente criativa dos arquitetos portugueses

Este mês, na Sede da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, cinco arquitetos falam sobre os seus processos criativos, em complemento à exposição *Inside a Creative Mind*, patente na galeria de exposições temporárias. Gonçalo Byrne (**dia 7**), José e Nuno Mateus (**dia 14**), Francisco e Manuel Aires Mateus (**dia 28**), vêm falar das particularidades e da conceção de cada projeto que criam.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#175 – ABRIL 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA – AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, *MUCHA*, 1915-1916 (PORMENOR) / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / WWW.GULBENKIAN.PT

Crise dos refugiados

Fundações europeias exigem ação a Bruxelas



MULHERES E CRIANÇAS ENTRE OS REFUGIADOS SÍRIOS NA ESTAÇÃO DE COMBOIOS DE BUDAPESTE

Numa carta aberta dirigida à Comissão Europeia e ao Parlamento Europeu, assinada pelo consórcio Vision Europe Summit de que a Fundação Gulbenkian faz parte, os presidentes de sete *think tanks* e fundações da Europa dizem a Bruxelas que é chegado o tempo de agir “não individualmente e à custa dos outros, mas em conjunto, num espírito de solidariedade europeia”. A carta foi enviada a 15 de março, dois dias antes do Conselho Europeu marcado para discutir a crise dos refugiados.

Criado em janeiro de 2015, o consórcio Vision Europe Summit reúne a fundação Bertelsmann Stiftung (Gütersloh, Alemanha), o *think tank* Bruegel (Bruxelas, Bélgica), a Chatham House (Londres, Reino Unido), a fundação Compagnia di San Paolo (Turim, Itália), o Notre Europe – Jacques Delors Institute (Paris, França), o Sitra – The Finnish Innovation Fund (Helsínquia, Finlândia) e a Fundação Calouste Gulbenkian.

A carta aberta propõe medidas concretas porque “é urgente uma abordagem europeia comum, para complementar os esforços locais e nacionais”.

“**Em primeiro lugar**, é importante controlar as fronteiras externas da UE, de modo a que apenas refugiados fugindo da guerra e de perseguições, os quais têm o direito legítimo de requerer asilo, possam entrar e potencialmente permanecer na UE. A natureza porosa das fronteiras externas da UE levou a uma perda inaceitável de controlo, aos olhos de muitos cidadãos europeus, e tem suscitado falsas esperanças para os migrantes irregulares que tentam entrar na União. O controlo das fronteiras do espaço Schengen deve ser um esforço coletivo da UE e de todos os Estados-membros, coordenado por instituições europeias com pessoal profissional e com a prestação de apoio financeiro aos Estados-membros na periferia da UE. Recuperar o controlo das fronteiras externas da UE é essencial para que as fronteiras internas possam permanecer abertas.

Em segundo lugar, para além de implementar a já acordada recolocação de 160 mil refugiados da Grécia e da Itália, a UE deve desenvolver um sistema que permita distribuir um número muito maior de refugiados por toda a União, diretamente a partir dos *hotspots* na UE e nos países vizinhos, como a Turquia, a Jordânia ou o Líbano. Os Estados-membros que não estiverem dispostos a acolher refugiados poderão optar para fazer uma contribuição essencialmente financeira para o sistema. Deverá ser criado um Fundo de Solidariedade para os Migrantes para gerir este sistema de compensações. Os esforços da Turquia para reduzir as travessias no mar Egeu devem ser acompanhados pela disponibilidade dos Estados-membros da UE para acolher refugiados de uma forma organizada. As conclusões do Conselho Europeu a esse respeito parecem ir na direção certa.

A terceira medida deverá ser melhorar, uniformizar e acelerar os processos de resposta aos pedidos de asilo. Quanto mais cedo os refugiados souberem se podem ficar, mais energia poderá ser investida na sua integração nas sociedades dos países de acolhimento e nos reagrupamentos familiares. Quanto mais cedo for tomada uma decisão, mais justo e viável será fazer regressar aqueles cujos pedidos foram recusados no pleno respeito pelo direito internacional e pelos direitos humanos. E os membros da UE não se podem dar ao luxo de ter uma grande diversidade de padrões para a concessão do estatuto de asilo. De acordo com o direito internacional, não pode estabelecer-se um limite para o número de pessoas elegíveis para requerer asilo.

Como quarta medida, recomendamos que sejam alargados os esforços ao nível da UE para melhorar as condições de vida dos refugiados que ficam em países próximos dos seus países de origem. Muitos refugiados querem voltar para as suas casas assim que a situação ficar de novo segura e não devem ser levados a iniciar uma viagem perigosa para a União Europeia somente por causa de condições insuportáveis nos países onde estão atualmente abrigados.

Por último, mas não menos importante, a UE e os seus Estados-membros devem trabalhar vigorosamente para acabar com os conflitos violentos que são as principais causas da crise. Em particular, a Europa tem de investir fortemente no processo de paz na Síria. A UE deve também aumentar a ambição e os recursos da sua política de vizinhança, procurando ajudar a estabilizar a região e melhorar as condições de vida e as oportunidades económicas nos seus vizinhos do sul.

São também necessárias ações a nível nacional, especialmente nos países da UE onde números significativos de refugiados receberam, ou deverão vir a receber, asilo. A distribuição dos refugiados pelos municípios e regiões deverá ser justa e deverá contar com os apoios e recursos adequados a nível nacional, com particular ênfase na Educação e no ensino da língua. O reconhecimento das competências profissionais e o apoio para aceder ao mercado de trabalho devem estar disponíveis logo desde o início. É preciso que haja um diálogo entre os refugiados e as sociedades de acolhimento respetivas. Deve ficar claro que o respeito pelos direitos humanos, pelos valores democráticos e pelas normas culturais é indispensável para uma estada prolongada em qualquer país europeu de acolhimento.”

Apoio aos refugiados sírios na Arménia



© ZAVEN KHATCHIKYAN ON SPECIAL ASSIGNMENT FOR THE ARP IN YEREVAN, ARMENIA

A Fundação Calouste Gulbenkian vai contribuir com 50 mil dólares para o Armenian Redwood Project, um projeto de ajuda humanitária que apoia a integração local de refugiados sírios na Arménia com subsídios de habitação. Esta contribuição vem na sequência de outras ações do Serviço das Comunidades Arménias da Fundação, que atribui centenas de bolsas a estudantes universitários sírio-arménios.

Para escapar à guerra civil na Síria, até ao momento 15 a 17 mil pessoas procuraram refúgio na Arménia. Parte destas pessoas permaneceram no país, enquanto outros deixaram a Arménia para

procurar asilo no resto da Europa, no Canadá ou nos Estados Unidos. O acesso a habitação financeiramente sustentável é um dos fatores determinantes para os refugiados permanecerem na Arménia, a par com a sua capacidade de encontrar um emprego remunerado.

Prevê-se que, ao longo de 2016, mais de 900 novas famílias cheguem à Arménia vindas da Síria. A grande maioria destas famílias também necessitará de ajuda para conseguir pagar uma renda habitacional e é aqui que intervém o Armenian Redwood Project, desenvolvido em conjunto com ONG locais, envolvendo assistentes sociais que acompanham

regularmente cada família. A iniciativa é promovida por Raffy Ardahaldjian, filantropo baseado em Los Angeles e fundador da Ani and Narod Memorial Fund.

A integração local das pessoas deslocadas devido ao conflito na Síria é uma preocupação que tem estado no centro do debate sobre a Crise dos Refugiados. No final de fevereiro, o Serviço das Comunidades Arménias da Fundação Calouste Gulbenkian promoveu, em conjunto com outras entidades, um encontro em Yerevan, na Arménia, o qual reuniu representantes do Governo e da sociedade civil, organizações internacionais e potenciais financiadores para planejar uma estratégia e coordenar os esforços no apoio à integração de refugiados da Síria na Arménia. O *workshop* "From Humanitarian Response to Sustainable Solutions: Facilitating local integration in Armenia of persons displaced due to the conflict in Syria" contou com a participação do ministro da Diáspora da Arménia, do ACNUR e da AGBU (Armenian General Benevolent Union).

Os Direitos Humanos e os desafios do século XXI

A **9 e 10 de maio**, realiza-se na Fundação Gulbenkian a conferência *Os Direitos Humanos e os desafios do século XXI. Globalizar a Dignidade*. Comissariada por Viriato Soromenho-Marques, esta conferência é organizada pela Fundação Gulbenkian, pelo Robert F. Kennedy Center for Human Rights e pelas embaixadas da Áustria e dos Estados Unidos da América.

Num mundo marcado ainda por muitos desafios e vulnerabilidades, esta conferência pretende discutir questões relacionadas com os direitos civis e políticos, os direitos económicos e sociais, mas também os direitos individuais e de identidade.

Em Lisboa, a marcar a abertura da conferência no final da tarde do dia 9, ao lado do presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, estará Kerry Kennedy, escritora e ativista dos direitos humanos, presidente do Centro para os Direitos Humanos com o nome do seu pai, Robert F. Kennedy. Senador e procurador-geral dos EUA, Bob Kennedy foi assassinado cinco anos depois do presidente, e seu irmão, John F. Kennedy. Após a sessão de abertura, a companhia de teatro Bonifrates levará à cena a peça de Ariel Dorfman *Speak truth to power*, adaptada pela companhia para a língua portuguesa e já representada em inúmeros países.

O segundo dia da conferência contará com a participação de vários oradores nacionais e estrangeiros, divididos por quatro painéis em que serão discutidos os principais temas relacionados com os direitos civis, sociais e individuais, bem como os desafios que o atual século comporta em termos de educação para os direitos humanos. A conferência terminará com as intervenções de Kerry Kennedy e de Viriato Soromenho-Marques. A conferência decorrerá no Auditório 2 da Fundação e tem entrada livre.

**HUMAN
RIGHTS**

IN THE CHALLENGING 21ST CENTURY
GLOBALIZING DIGNITY

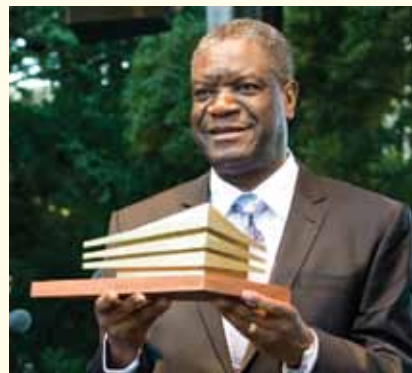
9-10 maio 2016 | Auditório 2 | Fundação Calouste Gulbenkian

OS DIREITOS HUMANOS
E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI
GLOBALIZAR A DIGNIDADE

Prémio Calouste Gulbenkian

As nomeações ao Prémio Calouste Gulbenkian deste ano ainda podem ser enviadas *on line* até dia **15 de maio**. A 5.^a edição do Prémio distinguirá uma personalidade ou uma instituição com papel relevante na defesa dos valores essenciais da condição humana. O Prémio, no valor de 250 mil euros, é escolhido por um júri internacional, de entre as nomeações apresentadas. O júri é presidido por Jorge Sampaio e o prémio será entregue a 20 de julho, na sessão que assinala também o 60.^o aniversário da Fundação Calouste Gulbenkian.

A Comunidade de Santo Egidio, Denis Mukwege e a West-Eastern Divan Orchestra, que junta músicos árabes e israelitas, são alguns dos premiados em anteriores edições. Gulbenkian.pt



DENIS MUKWEGE © MÁRCIA LESSA

Prémio Vilalva



MUSEU DIOCESANO DE SANTARÉM, PRÉMIO VILALVA 2014 © JNS

As candidaturas ao Prémio Vilalva para a Recuperação e Valorização do Património podem ser apresentadas até ao dia **15 de abril**. Este prémio, no valor de 50 mil euros, foi criado em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva e distingue, anualmente, um projeto de intervenção exemplar no

âmbito do património não tutelado pelo Estado.

Desde 2007 já foram premiados o projeto de Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço, os projetos Monumentos Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo e a Recu-

peração e valorização das ruínas romanas da cidade de Ammaia (Marvão). Em 2010 e 2011, o Prémio foi entregue, respetivamente, à Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na recuperação e valorização da Igreja do Sacramento, em Lisboa, e ao ateliê José Adrião Arquitetos pela recuperação de um edifício na baixa pombalina.

Em 2012, o Prémio foi para a Ribeira Grande, nos Açores, contemplando o projeto de Recuperação e Musealização do Móvel do Arcano Místico. Nos últimos dois anos, o júri decidiu distinguir a Requalificação das salas de exposição da coleção de arte do Museu do Caramulo e o projeto de criação do Museu de Arte Sacra, uma iniciativa do Museu Diocesano de Santarém. Mais informações e regulamento em Gulbenkian.pt

Soluções tecnológicas para os mais velhos



Cerca de 150 profissionais de áreas como programação, *design*, engenharia e gestão, entre outras, vão participar a **23 e 24 de Abril** no Hack for Good, uma maratona de desenvolvimento tecnológico (*hackathon*) para encontrar soluções inovadoras que possam ser replicadas internacionalmente, com foco no tema do envelhecimento.

Trata-se de um evento pioneiro a nível nacional acolhido pela Fundação Gulbenkian, que tem vindo a promover o estudo e a intervenção em áreas relacionadas com o envelhecimento da população. O Hack for Good cruza esta temática com a tecnologia, com o objetivo de estimular e captar o interesse de jovens talentos para uma causa social.

No final desta maratona, que conta com o apoio de empresas tecnológicas como a IBM, a HP, a Siemens, a Samsung e a Microsoft, os melhores projetos serão distinguidos com sete mil euros (cinco mil euros para o 1.º lugar e dois mil euros para o 2.º) e serão atribuídos mais de 30 mil euros em produtos e serviços para as três melhores ideias, para além de uma série de vantagens a que todos os participantes terão acesso. Entre os parceiros desta iniciativa está o Instituto Fraunhofer e o Programa Active and Assisted Living (AAL), que em setembro realiza o seu fórum anual em St. Gallen, na Suíça, onde os vencedores do Hack for Good terão oportunidade de apresentar os seus projetos.

O trabalho será desenvolvido em equipas multidisciplinares, numa maratona intensiva de programação e prototipagem que explora o potencial da tecnologia ao serviço das alterações demográficas. Os participantes estarão em contacto com seniores, profissionais da área da Saúde, especialistas e cuidadores, de forma a desenvolver soluções tecnológicas, abrangentes e sustentáveis, para resolver problemas reais ligados ao envelhecimento da população, dentro de seis subtemas: Comunicação e Relações Sociais, Estimulação Cognitiva, Transferência de Conhecimento, Saúde e Bem-Estar, Nutrição, Finanças Pessoais, Mobilidade e Apoio a Cuidadores.

Entre os 28 Estados-membros da União Europeia, Portugal apresenta um dos mais baixos índices de renovação da população em idade ativa. Mas as pessoas idosas, ou seniores, são cada vez mais ativas, abertas às novas tecnologias e exigentes em relação a atividades, iniciativas e serviços adequados a esta nova realidade. Combinando a vertente social com o potencial das tecnologias emergentes surgem grandes oportunidades nesta área e a Fundação Calouste Gulbenkian pretende ser o motor impulsionador do desenvolvimento de projetos tecnológicos com um impacto social positivo de longo prazo.

www.hackforgood.pt

Mais cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane



A Fundação Calouste Gulbenkian e a maior instituição pública de ensino superior de Moçambique, a Universidade Eduardo Mondlane, assinaram um terceiro protocolo de cooperação que prevê o reforço e a capacitação institucional da Universidade. Melhorar a qualificação dos docentes e a qualidade do ensino e da investigação, além de alargar a oferta formativa pós-graduada até 2019, são alguns dos objetivos deste contrato-programa.

O Plano Estratégico do Ensino Superior Moçambicano 2012-2020 regista que apenas 33 por cento dos docentes tem formação pós-graduada e salienta o baixo número de doutoramentos oferecidos, bem como o desequilíbrio entre cursos de ciências sociais e ciências naturais/tecnológicas. Tendo em conta estes dados e as prioridades definidas pela Universidade, o Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento vai apostar na criação de novos doutoramentos, nomeadamente em Economia, Gestão e Políticas no sector Agroalimentar, bem como na qualificação do ensino.

O novo contrato-programa conta com a parceria de instituições portuguesas e estrangeiras de ensino superior, como o Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa (Inovisa/Plataforma SKAN – Sharing Knowledge Agrifood Networks), a Universidade José Eduardo dos Santos, a Universidade de Cabo Verde, o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e o Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, a Universidade de Aveiro e a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Combate ao cancro em Cabo Verde



A Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Saúde de Cabo Verde assinaram um protocolo de cooperação para a implementação durante este ano de um projeto-piloto que prevê um rastreio de base populacional do cancro do colo do útero.

Formar um grupo base de profissionais cabo-verdianos de saúde em competências associadas ao cancro é um dos objetivos deste projeto, que prevê ainda a adaptação de metodologias e circuitos de rastreio em três concelhos de Cabo Verde. Esta adaptação vai abranger inicialmente uma população de nove mil mulheres e, depois de testada, deverá ser adotada a nível nacional, contribuindo para a redução da mortalidade associada ao cancro do colo do útero, através da melhoria do diagnóstico precoce e do tratamento das lesões.

Em Cabo Verde, o cancro do colo do útero é a principal causa de morte por cancro na mulher. O país encontra-se numa fase de transição epidemiológica, com uma ocorrência crescente de doenças não transmissíveis, e o seu sistema de saúde enfrenta diversos desafios ao nível da adequação do perfil funcional das instituições de saúde a esta nova realidade, com a necessidade crescente de adequação quantitativa e qualitativa dos seus profissionais.

A Fundação Calouste Gulbenkian é parceira no desenvolvimento de Cabo Verde desde há várias décadas, apoiando de forma ativa o país no reforço das capacidades das instituições e na melhoria das competências dos seus recursos humanos.

Conselho Científico reúne-se no IGC

Nos dias 18 e 19 de abril, o Conselho Científico do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) realiza a sua reunião anual para discutir, em conjunto com a Direção do IGC, o progresso científico, os programas de formação pós-graduada, o recrutamento e desempenho dos colaboradores e grupos de investigação do IGC. A reunião terá lugar no IGC e na Fundação Calouste Gulbenkian e conta com a presença de ilustres cientistas internacionais que compõem o Conselho: Kai Simons, Martin Raff, David Sabatini, Terrence Sejnowski, Tony Hyman, Linda Partridge, Ruslan Medzhitov, Paul Schmid-Hempel e Ginés Morata.



© JOÃO MATA

Investigadoras do IGC integram livro *Mulheres na Ciência*



© INÉS DOMÍNGUES

No Dia Internacional da Mulher, a Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica – Ciência Viva lançou o livro *Mulheres na Ciência*, que pretende prestar homenagem às mulheres cientistas portuguesas cujo contributo tem sido determinante para o progresso da ciência e da tecnologia nacionais. Entre as 103 cientistas homenageadas estão Mónica Bettencourt Dias, Raquel Oliveira, Ana Domingos e Karina Xavier, investigadoras no Instituto Gulbenkian de Ciência. A comemoração decorreu no Pavilhão do Conhecimento, onde foi também inaugurado um módulo digital que incorpora todos os retratos, acompanhados de um breve testemunho de cada investigadora. Esta coleção reúne investigadoras eméritas, cientistas seniores e jovens em começo de carreira, e pretende servir de inspiração às mulheres mais jovens.

Diversidade dos elefantes em risco no Bornéu



Estima-se que, atualmente, apenas dois mil elefantes de Bornéu habitem nas florestas da região de Sabah na Malásia. Estas florestas estão bastante fragmentadas, devido à utilização de terras para agricultura e outras utilizações não florestais, o que tem causado o isolamento de populações de elefantes. Uma equipa de cientistas, liderada por Lounès Chikhi do Instituto Gulbenkian de Ciência e por Benoit Goossens, diretor da Estação de Danau Girang na Malásia, realizou estudos genéticos para determinar o grau de isolamento desses animais. Os resultados são preocupantes e levam os cientistas a alertar para a necessidade da existência de corredores ecológicos que liguem as populações de elefantes de Bornéu, de forma a manter a sua diversidade e garantir a conservação da espécie.

O estudo, publicado na revista científica *Biological Conservation*, mostra que os elefantes acasalam exclusivamente na mesma zona, uma vez que a fragmentação florestal os impossibilita de ir ao encontro de elefantes noutras zonas. As consequên-

cias deste tipo de acasalamento podem ser alarmantes porque, "se as populações diminuïrem muito em tamanho, podem tornar-se mais sensíveis a determinados eventos, como a alterações climáticas, doenças infecciosas ou a uma maior fragmentação da zona, podendo mesmo levar à extinção desta espécie", diz Lounès Chikhi.

O aumento da fragmentação florestal traz ainda outras consequências, uma vez que os elefantes acabam a passar por estradas ou culturas agrícolas, aumentando o contacto com os humanos. Isto origina cada vez mais conflitos, levando a perdas económicas significativas para o homem e à morte dos elefantes, geralmente a tiro ou por envenenamento. Reeta Sharma, autora deste estudo, recomenda: "Para garantir a diversidade genética na população de elefantes é necessário criar corredores ecológicos, para que se possam movimentar livremente entre as várias zonas florestais, e evitar a qualquer custo um aumento da fragmentação do habitat natural destes animais."

FameLab

A ciência explicada ao grande público

O FameLab está de volta. O concurso internacional de comunicação científica dirigido ao grande público continua este ano com mais uma edição. No dia 9 de abril, os semifinalistas sobem ao palco do Auditório 3 da Fundação.

O FameLab é um concurso que pretende estimular a boa comunicação de temas científicos, despertar a curiosidade dos públicos por estes temas e desenvolver as competências daqueles que já demonstram ter interesse e talento para comunicar ciência. Para isso, os candidatos tiveram de enviar um vídeo de três minutos onde demonstraram as suas capacidades de comunicar os mais diversos temas científicos que escolheram, recorrendo apenas à palavra e ao gesto, sem a ajuda de *powerpoints* e outros adereços informáticos.

Criado em 2005 pelo Cheltenham Science Festival, o FameLab ganhou expressão mundial com o apoio do British Council, que o expandiu a mais de 25 países concorrentes, da Europa a Hong Kong. Em Portugal é organizado desde 2010 pela Ciência Viva e pelo British Council, a que se juntou, em 2014, a Fundação Calouste Gulbenkian como entidade parceira.

No dia 9 de abril, os 20 semifinalistas, selecionados a partir das candidaturas em vídeo, sobem ao palco do Auditório 3 para uma apresentação pública na qual serão escolhidos os dez finalistas. O evento realiza-se a partir das 10h00 e tem entrada livre.

Os finalistas ganham desde logo a oportunidade de participar numa *masterclass* com Malcom Love, antigo produtor da BBC e consultor em comunicação de ciência, especialista a ajudar cientistas a comunicar melhor com o público e com os *media*.

O vencedor da final nacional, que se realiza a 7 de maio no Pavilhão do Conhecimento, vai representar Portugal na Final Internacional, em junho, no Cheltenham Festival, no Reino Unido, como fez Bárbara Teixeira (na foto), vencedora do FameLab Portugal 2015, com a sua apresentação intitulada "O Mistério da Quimera".



BÁRBARA TEIXEIRA © MÁRGIA LLESSA

Ciência em Cena Os vencedores

Os projetos de alunos de escolas de Albergaria-a-Velha, Aveiro e Santo Tirso foram os vencedores do concurso Ciência em Cena, que este ano teve como temas centrais o cérebro e as doenças neurodegenerativas.



© FILIPE FERREIRA

“The Ask”, de Cátia Tavares, Ricardo Alves, Melissa Pinto e Gabriel Gama, da Escola Secundária de Albergaria-a-Velha; “Neurodegenerescência: só tu farás a diferença!”, de Emanuel Matos, João Bastos, Lisa Almeida e Renata Simões, da Escola Profissional de Aveiro; e “ELA”, de João Pinheiro, Inês Devesas, Pedro da Cunha, Sara Costa e Cátia Malheiro, alunos da Oficina-Escola Profissional do INA, Instituto Nun’Alvres, em Santo Tirso, foram os projetos vencedores. Os três selecionados receberam um cheque oferta no valor de 500 euros e vão mostrar os seus trabalhos no espetáculo solidário Maratona da Saúde da RTP, no dia 30 de abril.

O concurso Ciência em Cena quer despertar o interesse de jovens estudantes pelo conhecimento científico, consciencializá-los para as várias doenças e sensibilizá-los para a solidariedade. Depois de ter tratado o tema da diabetes no ano passado, a edição deste ano desafiou os jovens a realizar vídeos, criativos e informativos, sobre doenças neurodegenerativas e o cérebro.

No passado dia 12 de março, no Auditório 2 da Fundação, os dez finalistas do concurso, selecionados entre as mais de 200 candidaturas recebidas, subiram ao palco para interpretar os vídeos com os quais foram apurados para a final. Depois de terem tido a oportunidade de frequentar um *workshop* com os atores Romeu Costa e Catarina Requeijo e o cientista David Marçal, de forma a prepararem-se para a apresentação pública, os jovens atuaram perante a plateia e um júri formado por Elizabeth Silva, responsável pelo setor das Ciências da Comissão Nacional da UNESCO e coordenadora do Fórum Português de Geoparques e da Rede Portuguesa de Reservas da Biosfera da UNESCO, o neurorradiologista Nuno Sousa, editor-chefe da revista *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, e o apresentador de rádio e televisão Fernando Alvim.

Os trabalhos de todos os finalistas podem ser vistos em www.cienciaemcena.pt

Programa Estímulo à Investigação

No dia 9 de março, oito jovens distinguidos pelo Programa Estímulo à Investigação 2015 estiveram na Fundação Calouste Gulbenkian a apresentar os trabalhos que estão a desenvolver e que lhes permitiram receber este apoio, que é concedido desde 1994.

O Programa Estímulo à Investigação premeia anualmente jovens envolvidos em trabalhos de investigação em instituições portuguesas, preferencialmente em áreas como a Matemática, a Física, a Química e as Ciências da Terra e do Espaço. Os oito investigadores contemplados este ano abordam temas tão diversos como o estudo algébrico e lógico de funções de custo, que valeu a atribuição da bolsa a Bernardo Fernandes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, ou a investigação sobre as sombras dos buracos negros, tema estudado por Pedro Cunha, da Universidade de Aveiro. O investigador explica que uma vez que os buracos negros não deixam escapar nada do seu interior, incluindo a luz, a imagem que fica visível, é na verdade a sua "sombra". O trabalho de Pedro Cunha especializa-se nos chamados buracos negros "com cabelo", uma espécie distinta dos buracos negros convencionais que foi descoberta em 2014 por investigadores do seu departamento em Aveiro.

Também da Universidade de Aveiro, Ana Rita Bastos foi premiada pela sua investigação em redes óticas de nova geração, de baixo custo e maior desempenho, e Diana Costa pelo seu trabalho a procurar implementar uma linguagem de programação que, de forma semelhante aos seres humanos, permita a um robô adquirir informações e aprender a usá-las, mesmo que sejam pouco consistentes e se contradigam.



GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS, ADMINISTRADOR DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN E RESPONSÁVEIS DO PROGRAMA ESTÍMULO À INVESTIGAÇÃO COM OS OITO JOVENS DISTINGUIDOS © MÁRCIA LESSA



BURACO NEGRO



REDES ÓTICAS

Vítor Amorim, do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência, do Porto, também está focado na investigação ligada a dispositivos óticos, mais especificamente no desenvolvimento do projeto Femto3D, centrado na fabricação tridimensional de dispositivos óticos integrados por escrita direta com laser femtosegundo. O femtosegundo é uma unidade de tempo equivalente a um milionésimo de um bilionésimo de segundo, ou seja, está para um segundo como um segundo está para 32 milhões de anos.

João Cascão, outro dos contemplados pelo Prémio Estímulo à Investigação 2015, apresentou o trabalho que está a desenvolver sobre novos catalisadores orgânicos, enquanto João Calmeiro e João Vareda, ambos investigadores da Universidade de Coimbra, foram distinguidos por trabalhos em áreas distintas. João Vareda está focado no desenvolvimento de um aerogel à base de sílica para remediação de solos contaminados com metais pesados. Já João Calmeiro investiga uma proteína denominada “canalrodopsina-2”, que poderá ser utilizada como ferramenta contra a cegueira causada por degeneração da retina, uma patologia que afeta mundialmente mais de 15 milhões de pessoas.

Todos estes projetos foram premiados com uma bolsa de 12 500 euros, dos quais 2500 são atribuídos ao investigador e dez mil vão para a instituição de acolhimento para suportar os encargos com a execução da investigação durante o ano subsequente.

Depois da apresentação dos projetos, a sessão do dia 9 de março também serviu para apresentar *Programa Estímulo à Investigação*, da autoria de José Moreira Araújo e Cândido Marciano da Silva. Este livro traça o historial do Programa, desde a sua criação em 1994 até à edição de 2013.

Em defesa do valor dos oceanos



© NUNO BARROS / SPEA

A última das ações de formação que a Iniciativa Gulbenkian Oceanos tem vindo a desenvolver para organizações não governamentais de ambiente (ONGA) decorreu em março, na Fundação Gulbenkian, sobre o tema da angariação de fundos.

Este ciclo de capacitação dirigido às ONGA da Plataforma de Organizações não Governamentais Portuguesas sobre a Pesca (PONG-Pesca) teve início em 2013 com o arranque da Iniciativa Gulbenkian Oceanos. O objetivo inicial era familiarizar estas organizações da sociedade civil com o tema da Iniciativa Oceanos – o valor dos oceanos – e dotá-las dos conhecimentos necessários para poderem invocar argumentos de natureza económica no seu trabalho em prol da conservação marinha e gestão sustentável dos oceanos, e na forma como comunicam a importância do mar.

Nas duas primeiras edições, em 2013 e 2014, foram abordados conceitos de economia e explorada a sua aplicação à conservação do meio marinho. Foi aliás em resultado deste esforço inicial de capacitação das

ONGA que a Iniciativa Oceanos financiou o projeto liderado pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves sobre os benefícios que o oceano confere à sociedade em duas áreas marinhas protegidas na costa centro de Portugal Continental.

Em 2015, fruto de uma avaliação e reflexão dos resultados alcançados, a capacitação passou a centrar-se então no reforço das competências de planeamento estratégico e desenvolvimento organizacional. Estas organizações não governamentais da PONG-Pesca têm vindo a trabalhar afinadamente no aprofundamento da sua estratégia de atuação, sempre com o apoio e aconselhamento da New Economics Foundation, um importante *think tank* britânico que promove a justiça social, económica e ambiental.

A capacitação das ONGA portuguesas que atuam em áreas de marinha resultou da colaboração entre a Iniciativa Oceanos e a delegação britânica da Fundação na adaptação ao contexto português do trabalho já realizado no Reino Unido.

“A arquitetura é um serviço para todos”

Centenas de estudantes de arquitetura marcaram presença na Fundação Calouste Gulbenkian no dia 18 de março, para ouvir Álvaro Siza Vieira, no arranque do ciclo de conferências *Inside a Creative Mind*, que até junho decorre em paralelo com uma exposição dedicada ao processo criativo em arquitetura (ver págs. 32 e 33).

O arquiteto distinguido em 1992 com o Prémio Pritzker disse que a primeira coisa que sente quando começa um projeto é “um susto”, acrescentando que depois se segue a fase de desenhar hipóteses no papel, “algumas disparatadas e pouco informadas”.

“A seguir há um processo de seleção, após o recolher de mais informação”, explicou Álvaro Siza, acrescentando que nenhum arquiteto quer fazer um projeto com “total liberdade”, porque se “sentiria em cima do vazio”.

Álvaro Siza lamentou que exista o “equivoco” de que a arquitetura seja um luxo para uma elite, defendendo-a como “um serviço para todos” os cidadãos. Sublinhando que é sempre do desenho e do esboço que começa um projeto, Álvaro Siza recordou a infância e o tio que o encorajava a desenhar, quando tinha apenas seis anos. “Um dia disse-me: ‘Assina aqui o teu nome.’ AJ, de Álvaro Joaquim”, contou o arquiteto de 81 anos.

Na conversa que se estendeu ao público presente no Auditório 2 e perante a pergunta de um jovem estudante sobre o que era “a boa arquitetura”, Álvaro Siza comentou a possibilidade de “existirem mil respostas”, mas que a fundamental era essa função de um serviço para todos.



ÁLVARO SIZA VIEIRA © MÁRCIA LESSA



© MÁRCIA LESSA



© MÁRCIA LESSA

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)

O segredo mais bem guardado da arte moderna

Um século depois do desaparecimento de Amadeo de Souza-Cardoso, o Grand Palais, em Paris, dedica-lhe uma grande exposição, de 20 de abril a 18 julho, que vai reunir cerca de duas centenas de obras do artista e de autores do seu círculo próximo como Brancusi, Modigliani, Robert e Sonia Delaunay.

Em todo o século XX não existirá exemplo mais surpreendente de um artista maior caído no esquecimento do que o de Amadeo de Souza-Cardoso. Figura ímpar da vanguarda modernista parisiense, deixou uma obra fulgurante, cúmplice de todas as revoluções estéticas do seu tempo e, ao mesmo tempo, absolutamente única e original. A sua morte prematura, aos 30 anos, no final da I Guerra Mundial, afastou-o da consagração artística e da história de arte internacional.

A mostra, apresentada numa das salas mais emblemáticas e mais visitadas da capital parisiense, constitui uma grande oportunidade para revelar internacionalmente “um dos segredos mais bem guardados da arte moderna”, citando o historiador de arte norte-americano Robert Loescher.

A curadoria é de Helena de Freitas, uma das maiores especialistas da obra de Amadeo, coordenadora do catálogo *raisonné* do artista editado pela Fundação Gulbenkian e responsável pela exposição *Diálogo de Vanguardas*, que a Fundação apresentou em 2006, e que se tornou a exposição de arte mais visitada da história da instituição.

Paris e Manhufe

A vida de Souza-Cardoso foi curta e intensa, destacando-se dois períodos decisivos, assinalados nesta exposição: a vida em Paris (1906-1914) e o regresso à sua terra natal, Manhufe (1914-1918). Durante este período de pouco mais de uma década, o artista vive entre estes dois mundos, entre viagens de idas e vindas, permanentemente insatisfeito, desejando estar onde não está e em permanente instabilidade geográfica.

Filho de uma família tradicional de burguesia rural abastada, Amadeo parte para a capital francesa numa situação financeira confortável, ao contrário de muitos dos seus compatriotas, de quem irá rapidamente afastar-se. Em Paris, centro eufórico de todas as ruturas, orienta a sua curiosidade para os artistas que rompem com os cânones de representação clássica. Amadeo foi também autor dessas ruturas, e entra no circuito internacional desenvolvendo um diálogo criativo com os seus companheiros de trabalho: Modigliani, Brancusi, Archipenko, o casal Delaunay, Otto Freundlich, Boccioni, entre outros, criando



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, PROCISSÃO CORPUS CHRISTI, 1913

redes com agentes artísticos, editores ou curadores como Walter Pach, Wilhelm Niemeyer, Ludwig Neitzel, Herwald Walden, Adolphe Basler, Harriet Bryant (proprietária das Carroll Galleries em Nova Iorque).

A sua integração na dinâmica artística da vanguarda internacional é também confirmada pelo percurso expositivo de grande notoriedade que desenvolveu nesse breve período. Participou em salões franceses marcantes para a afirmação das novas propostas artísticas, como o Salon des indépendants (1911, 1912) e o X Salon d'Automne (1912), que teve precisamente lugar no Grand Palais, onde expôs a obra *Avant la Corrida*, uma tela que seria exposta também em Nova Iorque, na célebre exposição do Armory Show, em 1913. Essa obra causou uma enorme sensação, tal como as outras pinturas aí apresentadas (Amadeo vendeu sete dos oito trabalhos expostos, três dos quais se encontram atualmente no Art Institute of Chicago).

Um artista, muitas identidades

O lugar de partida (a pequena aldeia de Manhufe, no Norte de Portugal) é a primeira marca de identidade do artista e persiste como matriz ao longo das múltiplas etapas do seu trabalho. Mas "lugar" não é aqui apenas paisagem ou representação da natureza; antes engloba aquilo que Amadeo considerava, em simultâneo, ser sua pertença: a paisagem natural, mas também a cultural. E foi sobre ela que exerceu uma ação transformadora sobre o que poderia ser um conjunto de signos conservadores e imutáveis: montanhas e objetos quotidianos, letras de canções e bonecas populares, instrumentos musicais regionais, azenhas, castelos imaginados e interiores domésticos familiares, bosques e tipologias humanas locais.

Estes variados elementos são representados segundo soluções estilísticas marcadas pelo hibridismo cubista, futurista, órfico e expressionista que percorre a sua obra. Amadeo incorpora os elementos do mundo rural e familiar e os elementos característicos do mundo moderno numa mesma dinâmica e, sem hierarquia explícita, atinge um momento em que cruza o lugar de origem com a vertigem das máquinas, dos manequins mecânicos, dos fios de telégrafo e telefone, das lâmpadas elétricas e reclames publicitários, das emissões de rádio, dos perfumes, do champanhe...

Urbano por determinação de vontade, o artista manteve-se ligado ao movimento ondulatório das suas montanhas que repetidamente pinta e servem de "fundo" a obras de muitas das fases. E é sobre estas montanhas que se faz autorrepresentar, vestido de pintor à maneira de El Greco.



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, PAR-ÍMPAR, 1916



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, O SALTO DO COELHO, 1911

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO (1887-1918)

Curadora: Helena de Freitas

20 abril – 18 julho 2016

GRAND PALAIS, PARIS



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO, COZINHA DA CASA DE MANHUFÉ, 1913

O espaço de representação parece não chegar para tudo o que o artista nele quer colocar, integrando (também como colagem) muitos objetos, locais ou urbanos, num singular jogo combinatório. Também a importância da palavra e uso das letras na pintura releva do encontro com as novas práticas artísticas contemporâneas. As letras/palavras, aplicadas em *pochoirs* de cartão ou zinco (encomendadas ou feitas por ele), introduzem mais elementos de polissemia na pintura, facilitando as referências à publicidade industrial ("Barrett", "Wotan") e comercial ("Coty", "Brut", "300", "Eclipse"), mas deixando-as sem um claro papel narrativo ou ilustrativo na pintura.

Amadeo desvia os sentidos originais, tal como faz com as formas: os seus discos cromáticos, podem ser alvos coloridos, de feira ou de guerra; ou podem ser pires de faiança popular onde caem insetos.

Esta sucessão de indícios de incorporação do mundo novo reforça a convicção de que Amadeo tem consciência ativa do que é ser "moderno", não apenas nos temas (exaltação da mecanização do natural e do humano), como também nos métodos e técnicas que usa para os tratar, ou ainda na vontade de dar-se a conhecer através da promoção de uma imagem pessoal (com o recurso à edição divulgadora dos *XX Dessins* ou das *12 Reproductions*, ou do carimbo da sua própria assinatura).

A sua morte prematura, aos 30 anos, vítima de epidemia de gripe espanhola, contribuiu para um progressivo esquecimento da sua obra a nível internacional, que esta exposição, um século depois, pretende resgatar.

Num espaço autónomo, mas em articulação visual com as restantes salas, será apresentado um trabalho encomendado ao artista plástico Nuno Cera, *Tour d'Horizon*, uma instalação vídeo, criação original em HD com 3 canais sincronizados, a partir da paisagem/lugar na obra e no universo de criação de Amadeo de Souza-Cardoso.

Entrevista a

Helena de Freitas

Um passo decisivo para a valorização internacional de Amadeo

Como surgiu a proposta de apresentar ao Grand Palais um artista com escassa visibilidade internacional como Amadeo?

Era uma ambição de sempre que, depois de inúmeros contactos desenvolvidos pela Fundação Gulbenkian, encontrou o contexto ideal na comemoração dos cinquenta anos da presença em França da Fundação Calouste Gulbenkian. O projeto partiu de uma base de investigação publicada, o que facilitou a apresentação do artista. Sem o trabalho prévio desenvolvido no contexto da publicação do catálogo raisonné e da exposição Diálogo de Vanguardas e todas as edições associadas, esta exposição dificilmente se realizaria. Um dos momentos mais extraordinários deste processo foi o meu primeiro encontro com Laurent Salomé, diretor do Grand Palais, que me recebeu com uma interrogação. Ao folhear lentamente as páginas do catálogo, perguntou-me: mas afinal quem é este artista e como é possível eu não o conhecer? Ao seu olhar inteligente, sensível e corajoso se deve também esta exposição.

Quer destacar algum momento especial do processo que conduziu a esta exposição?

Foi sem dúvida a noite dos atentados em Paris e a observação direta da capacidade de resistência e de luta dos franceses. Teve um impacto decisivo no desenvolvimento do meu trabalho e na capacidade de ultrapassar dificuldades.



HELENA DE FREITAS © GUILLAUME PAZAT

Como especialista da obra de Amadeo como vê esta oportunidade?

A realização desta exposição no Grand Palais, um espaço destinado à apresentação de artistas consagrados, nas salas onde foram recentemente expostas obras de Velázquez e de Picasso, garante a visibilidade internacional de uma obra que se manteve invisível durante largas décadas, contribuindo certamente para projetá-la junto de um público alargado, que incluirá também especialistas do contexto artístico das vanguardas do início do século xx. Esta é sem dúvida uma oportunidade que nos merece a todos a maior atenção e o momento é adequado: no contexto de uma revisão historiográfica em curso, fundamentada no conceito de modernidade plural. Como salienta Catherine Grenier, historiadora de arte e autora de um dos ensaios publicados no catálogo desta exposição, Amadeo de Souza-Cardoso e Fernando Pessoa personificam essa nova perspetiva da modernidade, heterodoxa, múltipla e sem hierarquias.

É uma oportunidade para replicar um século depois a notoriedade que o artista teve em vida e para expor a diversidade do seu trabalho nas suas múltiplas fases. Neste contexto é de salientar a apresentação, nesta exposição, da fase final da sua produção, em Manhufe, e que corresponde a um período fulgurante de experimentação e síntese, na época totalmente desconhecido dos seus pares internacionais.

Amadeo já tinha exposto nesta sala...

Na verdade, trata-se de um regresso e o lugar desse regresso é simbólico. Amadeo tinha exposto no Grand Palais em 1912, no contexto do X Salão de Outono, onde apresentou *Avant la corrida*, hoje da coleção do Museu Calouste Gulbenkian. Esta foi a última exposição realizada em Paris em vida do artista, que no ano seguinte decidiu investir noutros territórios, diversificando um notável percurso expositivo: participa no Armory Show, que circulou por Nova Iorque, Chicago e Boston, e no 1.º Salão de Outono Alemão, organizado pela galeria Der Sturm, em Berlim. Ainda neste ano participa numa importante exposição coletiva em Viena, na Galeria Miethke, ao lado de artistas como Kokoshka, Kisling, Picasso, Léger, Braque, Manet, Renoir, Cézanne, Van Gogh e Pissaro, entre outros. O prefácio ao catálogo desta exposição é da autoria de Adolphe Basler, destacado crítico de arte e marchand francês de origem polaca. Em 1914, teve ainda oportunidade de expor as suas obras em Londres, no London Salon, e em Hamburgo.

Esta exposição no Grand Palais surge como o fechar de ciclo, até mesmo para uma história mais recente, depois das exposições realizadas em Washington (At the Edge, 1999), Lisboa (Diálogo de Vanguardas, 2006) e Hamburgo (Ein Pionier aus Portugal, 2007). Mas deverá ser um ponto de partida decisivo para finalmente dar a conhecer o artista português na cidade que escolheu para viver e trabalhar.

Desde a exposição Diálogo de Vanguardas até hoje, surgiram elementos novos que possam ter contribuído para lançar novas pistas sobre a obra de Amadeo?

Esta exposição vem dar continuidade ao trabalho de investigação que a Fundação Gulbenkian e outros centros de pesquisa têm vindo a desenvolver. Será também a oportunidade de tornar públicas novas pistas interpretativas, importantes descobertas, e através delas aproximar o público do pensamento e dos processos de trabalho do artista. Destaco as matrizes para a reprodução dos desenhos dos XX Dessins, os stencils a zinco para a introdução de letras e sinais gráficos na sua pintura, mas também documentos e fotografias inéditos localizados nos seus arquivos e extraordinariamente importantes na relação com a sua obra. Destaco igualmente a recente localização de uma obra que possivelmente terá sido uma das últimas produzidas pelo artista. Trata-se de um trabalho assinado, composto por papiers colés a partir do qual é possível deduzir a possibilidade de um novo caminho que aprofun-

daria um método de trabalho e uma temática, já presente em obras anteriores, em que a relação arte/publicidade se esclarece.

É possível resgatar um artista do esquecimento?

Através da sua exposição e divulgação em continuidade e de uma estratégia de internacionalização coerente e eficaz. Esta exposição (como várias outras) já garantiu o estudo da obra de Amadeo por historiadores de arte internacionais que contribuíram com ensaios para o catálogo, Catherine Grenier, Javier Arnaldo, Christian Briend e Jean-Claude Marcadé. O catálogo inclui também um texto de Maria Filomena Molder que introduz os leitores no universo artístico e literário do artista. Mas, como referi, esta exposição será também um ponto de partida e certamente um poderoso estímulo, como já o foi a exposição Diálogo de Vanguardas, para o desenvolvimento de novos caminhos de pesquisa e de interpretação. Neste momento pretendemos valorizar algo que a historiografia de arte tem negligenciado, a heterogeneidade e simultaneidade de experiências artísticas de Amadeo e o seu distanciamento de grupos ou "escolas".

Amadeo vai finalmente ocupar o lugar a que tem direito na história do modernismo europeu?

Promovendo uma revisão histórica da obra de Amadeo de Souza-Cardoso e atualizando as suas leituras, esta exposição constitui um passo importante e decisivo para a visibilidade internacional do artista. Mas, volto a referir, só uma estratégia continuada, em várias frentes, nomeadamente nos museus e nas universidades, poderá assegurar o seu lugar na história.

A obra de Amadeo dá-nos uma visão esclarecida e distanciada dos diferentes movimentos da vanguarda parisiense, o que enriquece internacionalmente o estudo desse período, questionando a hegemonia dos grandes centros sobre as culturas periféricas, debate que está em curso. Outro aspeto importante é o diálogo que proporciona com as suas fontes e referências artísticas e literárias do tempo, apresentando uma seleção de trabalhos de artistas seus contemporâneos de quem foi muito próximo, a nível pessoal e artístico, como Modigliani, Brancusi e Robert e Sonia Delaunay.

Os universalistas chegam a Paris

A Cité de l'Architecture et du Patrimoine, em Paris, acolhe a partir deste mês a exposição Les universalistes. 50 ans d'architecture portugaise, coorganizada pela delegação em França da Fundação Gulbenkian



ESTÁDIO DE ATLETISMO E PISCINA OLÍMPICA EM BAGDADE, IRAQUE (1961-1966). PROJETO DE FRANCISCO KEIL DO AMARAL E DE CARLOS MANUEL RAMOS. FONTE: ARQUIVO FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. FOTÓGRAFO: DESCONHECIDO

Esta exposição multimédia propõe um olhar sobre meio século de pensamento e produção arquitetónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitetos de referência como Fernando Távora, Alberto Pessoa, Ruy d'Athouguia, Manuel Tainha, Pancho Guedes, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Álvaro Siza, Alcino Soutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias; e também de alguns dos mais promissores arquitetos portugueses das últimas décadas, como Manuel e Francisco Aires Mateus, ARX Portugal, Paulo David, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos. Na exposição misturam-se materiais relativos a 50 projetos – incluindo maquetes, desenhos técnicos e fac-símiles de esboços ou esboços de arquitetos – com fotografias, textos e caricaturas que refletem as transformações político-sociais em Portugal, nos últimos 50 anos, como explica em entrevista o curador da exposição Nuno Grande.

Como é que o universalismo se aplica à arquitetura portuguesa?

O tema do universalismo na cultura portuguesa não é novo, tendo já sido abordado por muitos pensadores, de Miguel Torga a Agostinho da Silva, de Eduardo Lourenço a José Gil, enfim, por filósofos e ensaístas que escreveram sobre a nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo, ou com o “outro”; algo que, na verdade, vem de tempos ancestrais: da nossa relação com a viagem, com a diáspora, com a emigração, e até com a colonização, fenómenos que, de alguma maneira, geraram essa posição “universalista” em relação ao que nos rodeia.

Na arquitetura, o tema não tem sido muito aprofundado, ainda que toda a gente reconheça em Álvaro Siza, por exemplo, uma capacidade peculiar de se relacionar com outras geografias, com outras culturas. Ele fá-lo sempre com uma atenção muito grande ao contexto onde realiza a sua obra, buscando referências no grande universo da História da Arquitetura, para, em seguida, as inscrever nesse lugar. É um exemplo interessante de como os melhores criadores portugueses sempre estabeleceram uma ponte conceptual entre aquilo a que chamamos hoje “local” e aquilo a que chamamos “global”. É um posicionamento que nem é localista, nem é globalizador; é, portanto, “universalista”; ou seja, não está interessado em impor uma arquitetura completamente regional, folclórica, ou pretensamente “portuguesa”, nem, por outro lado, idêntica em todo o lado, como ocorre hoje com a produção de muitos “arquitetos-estrelas” globais. Trata-se, nesse sentido, de uma arquitetura que está sempre a mediar essas duas escalas, essas duas dimensões.

Isso explica, de alguma forma, termos dois Pritzker portugueses?

Certamente. Eduardo Souto de Moura – que é já hoje muito mais do que um “discípulo” de Siza – tornou-se, ele próprio, num “mestre”, gerando, por sua vez, novos “discípulos”. Ambos ganharam o prémio Pritzker, a maior distinção que se pode atribuir no mundo da Arquitetura. É realmente uma condição inusitada: não há muitos países que se possam orgulhar de ter dois arquitetos galardoados deste modo. Para Siza e Souto de Moura, a questão da globalização é um meio de agir ou um modo de estar no mundo. Mas eles não se repetem, não fazem sempre a mesma obra em todo o lado. Transportam esse olhar “universalista” para cada lugar, adaptando o seu conhecimento disciplinar aos diferentes contextos. Não são arquitetos globais, são arquitetos universais.



NUNO GRANDE

Que arquitetos portugueses se inscrevem neste posicionamento universalista?

Uma das questões essenciais será perceber que esse posicionamento vai passando de geração em geração. Tentei escolher arquitetos que estivessem dentro de algumas “linhagens” geracionais, ou seja, que fossem discípulos de outros arquitetos que já possuíam esse posicionamento, e que, por sua vez, o tenham transmitido às novas gerações, embora, naturalmente, longe de uma perspectiva acadêmica. Procuro abarcar, pelo menos, três gerações que desde 1960 trabalham nessa perspectiva “universalista”, pelo menos, desde Keil do Amaral, Fernando Távora e Nuno Teotónio Pereira, só para citar alguns dos mais antigos. Naturalmente que os arquitetos não estão imunes às transformações políticas e sociais do mundo que os rodeia e que condicionam a encomenda da arquitetura, quer seja pública, quer privada. Resolvi, por isso, encaixar essas linhagens ou essas “transmissões geracionais”, dentro de cinco temas [ver pág. seguinte] que vão “contaminando” a arquitetura portuguesa ao longo dos últimos 50 anos. A exposição mostra ainda como os mais jovens arquitetos ali presentes, nascidos na década de 60 e com uma carreira consolidada – como os irmãos Aires Mateus, o atelier ARX Portugal, João Mendes Ribeiro ou Paulo David –, receberam esse método de gerações anteriores, trabalhando ora em Portugal ora no estrangeiro. Não têm quaisquer complexos pelo facto de partirem de um país periférico da Europa; tratam por tu a História da Arquitetura e lidam abertamente com as condições da encomenda internacional.

Paramos na geração de arquitetos nascidos na década de 60 porquê?

Acho que em arquitetura, apesar de tudo, é necessário haver um certo “lastro”. Costumo dizer

que a arquitetura é uma profissão de “maduros”. É preciso que as pessoas tenham provado, em mais que uma ou duas obras, possuir uma forma de pensar que não é apenas baseada no “novo pelo novo”, no sucesso de um primeiro projeto, nos comentários mediáticos ou nas votações “like” que recebem nas redes sociais. Tem de haver uma consolidação.

Esta exposição é sobre profissionais que já mostraram que, ao contrário do que muitas vezes se pensa, se pode fazer “novo” sem romper com o passado. Há quem defenda, no mundo da Arte, da Arquitetura, enfim, da criação contemporânea, que é preciso “matar o pai” para lhe sobrevivermos. Eu penso o contrário. A arquitetura portuguesa tem demonstrado que o “pai” – pensando metaforicamente em Siza – consegue ser muito mais jovem, em muitas das suas obras, do que muitos pretensos “jovens” que se dizem inovadores. E há também arquitetos que tendo trabalhado com Siza ou Souto de Moura, com Byrne ou Carrilho da Graça, conseguem hoje ultrapassar o estigma do “fiel seguidor”, conseguindo reinventar os seus ensinamentos. São esses os arquitetos que me interessam para caracterizar as gerações mais recentes.

Como é que as transformações político-sociais destes últimos 50 anos são evocadas na exposição?

Por imagens de época, entre outros, do Alfredo Cunha, que é provavelmente o fotojornalista que durante mais anos retratou Portugal e as suas particulares características. As imagens que ele captou nos últimos 50 anos serão projetadas, em contínuo, ao longo da exposição, acompanhando desenhos de João Abel Manta, talvez o maior caricaturista da cena portuguesa das últimas décadas. E teremos os textos de Eduardo Lourenço que nos falam de todos esses momentos. São três olhares não arquitetónicos sobre a nossa realidade (ainda que Manta seja arquiteto de formação).

Paralelamente, teremos entrevistas com cinco críticos de arquitetura portugueses – Ana Tostões, Ana Vaz Milheiro, José António Bandeirinha, Jorge Figueira e Ricardo Carvalho – e quatro críticos franceses – Jean-Louis Cohen, Jacques Lucan, Dominique Machabert e Francis Rambert –, personalidades a quem reconheço um conhecimento sustentado da arquitetura portuguesa e que representam olhares muito distintos entre si. Iremos confrontar as opiniões dos portugueses com as dos franceses, algo que faz sentido numa exposição em Paris.

“TEATRO AZUL”, TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA, PORTUGAL (1998-2005). PROJETO DE MANUEL GRAÇA DIAS, FÉLIX JOSÉ VIEIRA E CONÇALDO AFONSO DIAS. FONTE: ATELIER CONTEMPORÁNEA. FOTÓGRAFO: FERNANDO GUERRA



Cinco momentos da arquitetura portuguesa na exposição:

1. universalismo vs. (inter)nacionalismo (1960-1974)

Retrata-se o confronto com o último fôlego da ditadura nacionalista de Oliveira Salazar, mas também com o debate sobre o internacionalismo no seio dos arquitetos portugueses. “Na década de 60, os arquitetos pretendem seguir tendências internacionais, sem deixar de olhar para a Arquitetura Popular em Portugal e para os seus ensinamentos espaciais”, explica o curador.

2. universalismo vs. colonialismo (1961-1975)

Neste tema expõem-se as questões colocadas aos arquitetos a trabalhar na África colonial portuguesa, nomeadamente em Moçambique e em Angola: como fazer uma arquitetura tropicalista, seguindo as tendências internacionais do modernismo? “É muito interessante ver como alguns arquitetos trabalham a partir dessa fusão entre tendências eruditas europeias ou brasileiras e as culturas autóctones africanas”, observa o curador.

3. universalismo vs. revolução (1974-1979)

Com o 25 de abril, um dos problemas que é colocado aos primeiros governos provisórios é o do “direito à habitação” social. É um momento-chave, em que o arquiteto surge como agente social, tentando melhorar as condições de vida das pessoas. O processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), lançado por Nuno Portas, então secretário de Estado da Habitação, torna-se marcante entre 1974 e 1976.

4. universalismo vs. europeísmo (1980-2000)

“Como é que entrámos na União Europeia e o que é que ela trouxe à arquitetura portuguesa?”, pergunta Nuno Grande. A resposta passa pelos fundos estruturais e pelas novas oportunidades de trabalho para os arquitetos, quer em Portugal quer no estrangeiro. Com a abertura ao mercado comunitário, os arquitetos portugueses começam a entrar em concursos internacionais e as suas primeiras obras são publicadas em revistas prestigiantes – sobretudo em França, onde a arquitetura portuguesa era quase desconhecida até ao 25 de abril. “A forma de nos relacionarmos com a Europa, que até então tinha sido relativamente distante, mudou decisivamente”, sublinha o curador.

5. universalismo vs. globalização (2001-2016)

O último momento da exposição articula o contraste entre a condição periférica de Portugal e a forte projeção universal da sua cultura. Esta universalidade, que tem como expoentes máximos os mais célebres arquitetos portugueses – Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura –, é hoje reinventada por uma nova geração, dentro e fora do espaço português.

LES UNIVERSALISTES. 50 ANS D'ARCHITECTURE PORTUGAISE

Curadoria: Nuno Grande

Cité de l'Architecture et du Patrimoine, Paris

13 abril – 29 agosto 2016

“Uma fotografia histórica”

Esta é uma fotografia histórica porque representa um grupo de amigos e de professores da chamada “Escola do Porto”, em viagem pela Grécia, pela antiguidade clássica, pelas origens da arquitetura europeia, com uma descontração típica desse período (1976). Em Portugal, com a Revolução tão recente, havia um lado otimista, de que o mundo estaria a começar, também para estes arquitetos. Mas, para eles, a História da Arquitetura só faz sentido em continuidade, não em rutura. Mesmo com uma revolução recente onde se podia começar do zero, onde se podia fazer tábuas rasas da História, estes arquitetos vão à Grécia porque querem aprender com a arquitetura clássica, querem perceber o que esta tem para lhes ensinar. Não para a copiar, como passaram a fazer muitos arquitetos desse período de debate pós-moderno, mas para perceber as suas qualidades urbanas, o seu espaço, as suas pro-



ARQUITETOS PORTUGUESES EM VIAGEM PELA GRÉCIA, VERÃO DE 1976. FERNANDO TÁVORA E ÁLVARO SIZA (À DIREITA), ENTRE OUTROS
© ARQUIVO PESSOAL DO ARQUITETO ALEXANDRE ALVES COSTA

porções. Isso mostra como a melhor arquitetura portuguesa sempre olhou para trás, para conseguir ver o futuro e continuar a caminhar. A relação com esse legado é fundamental. Acho

que os melhores arquitetos portugueses estão conscientes da História da sua disciplina: não para a mimetizar, mas para a reinventar.
Nuno Grande

Jean-Jacques Caffieri

Busto de Jean-Baptiste Poquelin de Molière

Este retrato bem vivo do grande dramaturgo Molière, que nos interpela com um sorriso trocista, foi esculpido em terracota (barro cozido) pelo escultor Jean-Jacques Caffieri (Paris 1725-1792) em 1785, conforme consta da inscrição no verso da obra.

Jean-Jacques Caffieri trabalhou ao serviço do rei Luís XVI, em regime de exclusividade, tendo sido o último representante de uma célebre dinastia de artistas radicados em França, originários de Sorrento, na Campania italiana. Jean-Jacques aprendeu o ofício com o pai Jacques Caffieri e com o escultor Jean-Baptiste II Lemoyne, autor do *Busto de Robbé de Beauveset* (inv. 553 da Coleção Calouste Gulbenkian).

Difícil de carácter, antipático com os colegas (foi rival de Houdon, Pigalle e Pajou), Caffieri acabou por prejudicar a sua carreira, afastando muitos clientes franceses e estrangeiros que preferiam procurar os serviços de escultores com personalidades mais conciliadoras. Salvo raras exceções, Caffieri, devido ao seu feitio, trabalhou afastado da encomenda de escultura monumental, acabando por ser sobretudo retratista e um dos mais brilhantes do Século das Luzes. Deixou-nos uma impressionante galeria de retratos dos seus contemporâneos, filósofos, escritores e músicos, mas também de algumas personagens históricas dignas da sua admiração. Tinha como ideal a semelhança absoluta do modelo e por isso esculpia, sempre que possível, na sua presença.

Não foi o caso com este busto de Molière (1620-1673), em tudo uma exceção na sua prática laboral. Molière nasceu um século antes de Caffieri, nunca se cruzaram na vida e, no entanto, a obra produzida é de uma vivacidade incrível. Caffieri descobriu a maneira de fazer brilhar o olhar do dramaturgo, fazendo incidir no campo sombrio das suas pupilas uma gota de luz.

Mais excepcional ainda é o facto de este retrato extraordinário ser uma réplica da cabeça de Molière de uma estátua de mármore que Caffieri executara a pedido do diretor-geral dos Edifícios de Luís XVI, o Conde d'Angiviller, para integrar um projeto de "Muséum", localizado na Grande Galeria do Louvre, destinado a "servir à educação dos jovens artistas e ao prazer dos curiosos". Do novo museu fazia parte uma série de estátuas dos "grandes homens de França", encomendadas pelo diretor-geral a diversos artistas.

Contactado por d'Angiviller em 1781, o estudo da personagem ocupou-o durante vários anos, sendo o resultado final exposto no Salon de 1787, dois anos após a execução do presente busto.

Maria Rosa Figueiredo

A partir do dia 23 de abril, por ocasião do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor, este busto de Molière estará em destaque no Museu Calouste Gulbenkian, juntamente com obras do grande dramaturgo francês, adquiridas por Calouste Gulbenkian, entre as quais um exemplar da primeira edição ilustrada de Les Œuvres de Monsieur Molière (1682).

Jean-Jacques Caffieri (1725-1792)

Busto de Jean-Baptiste Poquelin de Molière | 1785 | Terracota

Inscrição no verso : « Jean-Baptiste Poquelin [sic] De Molière, né en 1620, mort le 17 Février 1673. Fait par Jean-Jacques Caffieri en 1785 »
A. 58,8cm; L. 46,5 cm; Prof. 33,5 cm.

Proveniência: Coleção Gaston Le Breton, Rouen. Adquirida na venda desta coleção, por intermédio de Graat, em 7 de dezembro de 1921.
Museu Calouste Gulbenkian, inv. 20



Inside a Creative Mind

Este mês, os arquitetos Gonçalo Byrne, José e Nuno Mateus (ARX Portugal), e Francisco e Manuel Aires Mateus falam do seu percurso profissional.

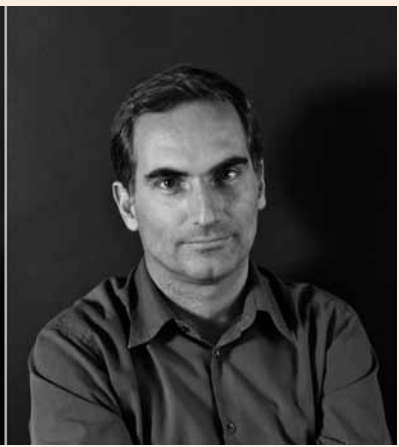
“A história de um projeto é sempre vista do seu fim para o princípio. Nunca construímos os projetos do princípio para o fim, mas ao contrário. E isso é que é verdadeiramente interessante”, diz Manuel Aires Mateus num dos filmes que integra a exposição *Inside a Creative Mind*. É também sobre o processo criativo de conceção dos projetos e as particularidades que assume em diferentes arquitetos que se fala no ciclo de conferências *Inside a Creative Mind*, que arrancou em março com Álvaro Siza Vieira. Este mês o ciclo prossegue com outro “mestre”, Gonçalo Byrne (dia 7), a que se seguem José e Nuno Mateus, do ateliê ARX Portugal (dia 14), e os arquitetos “discípulos” de Gonçalo Byrne, Francisco e Manuel Aires Mateus (dia 28).

Pelas mãos de Gonçalo Byrne (Alcobaça, 1941) passaram projetos como a requalificação do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, que lhe valeu o Piranesi Prix de Rome (2014); e, nas suas obras mais recentes, incluem-se a requalificação da sede do Banco de Portugal (juntamente com João Pedro Falcão de Campos), a requalificação do Teatro Thalia (juntamente com Barbas Lopes Arquitetos), em Lisboa, a consolidação e valorização do Castelo de Trancoso (distrito da Guarda), a Pousada do Palácio de Estoi, em Faro, e a requalificação da zona envolvente da Abadia de Santa Maria de Alcobaça. Pela sua expressão arquitetónica, cultural e patrimonial, a extensa e diversa obra de Gonçalo Byrne tem sido reconhecida nacional e internacionalmente e é sobre esse percurso profissional que o arquiteto irá falar na Fundação Gulbenkian.

No dia 14 será a vez de a dupla José e Nuno Mateus, que fundou em 1991 a ARX Portugal Arquitetos, falar do seu percurso profissional neste ciclo de conferências. Os projetos dos dois irmãos, naturais de Castelo Branco e formados em Lisboa, já foram reconhecidos com inúmeras distinções, entre as quais se destaca o Prémio Internacional de Arquitetura Chicago Athenaeum 2006 para a Biblioteca Municipal de Ílhavo, o Prémio AICA Arquitetura, da Associação Internacional dos Críticos de Arte/Ministério da Cultura 2002, para o Museu Marítimo de Ílhavo, e o 1.º Prémio da Apom (Associação Portuguesa de Museologia) 1999 para o projeto expositivo do Pavilhão do Conhecimento dos Mares, na Expo' 98, em Lisboa. Da experiência de Nuno Mateus, destaca-se o seu trabalho com Peter Eisenman em Nova Iorque (1987-1991) e com Daniel Libeskind em Berlim (1991). José Mateus é presidente executivo e associado da Trienal Arquitetura de Lisboa e membro da Bolsa de Peritos do Conselho Consultivo para a Arte em Espaço Público da cidade de Lisboa.



GOÑALO BYRNE © CARLOS RAMOS



JOSÉ E NUNO MATEUS © ARX PORTUGAL



FRANCISCO E MANUEL AIRES MATEUS © FG + SG / FERNANDO GUERRA

CICLO DE CONFERÊNCIAS INSIDE A CREATIVE MIND

Auditório 3 | 18h30 | Entrada livre

7 de abril

Gonçalo Byrne

14 de abril

José e Nuno Mateus | ARX Portugal

28 de abril

Francisco e Manuel Aires Mateus

A encerrar as conferências de abril, os convidados serão Manuel e Francisco Aires Mateus. Formaram-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, em 1986 e 1987, respetivamente, e começaram a colaborar com Gonçalo Byrne a partir de 1983. Desenvolveram projetos como autores a partir de 1988, altura em que constituíram ateliê, primeiro no espaço do ateliê de Gonçalo Byrne, mais tarde, com as crescentes solicitações de trabalho, num espaço autónomo. Desde então, os seus projetos foram distinguidos com diversos prémios de arquitetura, nacionais e internacionais, dos quais se destacam o AIT Award 2012 atribuído ao Call Center de Santo Tirso (1.º prémio categoria de escritórios, Frankfurt 2012), o Premis Fad (Intervenções efémeras-Barcelona, Espanha 2010) atribuído à exposição WeltLiteratur, apresentada na Fundação Gulbenkian em 2008, e os Prémios Enor 2006 com o Centro de Arte de Sines (Vigo, Espanha 2006).

Em maio, os convidados serão João Luís Carrilho da Graça e Inês Lobo. Eduardo Souto de Moura encerrará este ciclo de conferências no dia 2 de junho.

De Patricia Petibon à Orquestra Juvenil Gustav Mahler

Num mês dominado pela música sinfônica, destaca-se, para além das atuações da Orquestra Gulbenkian, a nova residência da Orquestra Juvenil Gustav Mahler na Fundação, que culminará com dois concertos dirigidos por David Afkham. Ton Koopman, Patricia Petibon, Peter Mattei, Ingrid Fliter, Frank Peter Zimmermann e Artur Pizarro são algumas das estrelas com presença marcada no Grande Auditório, num mês que terá três transmissões em direto da Metropolitan Opera.

A soprano francesa **Patricia Petibon** regressa à Gulbenkian Música (**dia 21, 21h**) para apresentar um repertório composto essencialmente por música espanhola e latino-americana. Com a sua habitual exuberância, a cantora interpretará árias e canções de Falla, Granados, Turina, Giménez, Torroba, Villa-Lobos e Montsalvatge, mas também obras de Bernstein, Chabrier, Canteloube e Massenet. Muitas das peças que dará a ouvir estão reunidas no álbum *Melancolia*, que Petibon gravou para a Deutsche Grammophon.

A artista francesa não esconde o fascínio que sempre sentiu pelas raízes profundas da cultura espanhola, em particular pela música, que descobriu quando estudava no Conservatório de Paris, e que define como "intensa, aliando, simultaneamente, o requinte e o excesso". A propósito do programa que vai apresentar, Petibon sublinha a melancolia que o atravessa, que "faz parte da vida e leva tanto à infância, como à perda da esperança, à tragédia e à morte".

Refere ainda que este programa lhe permite explorar o lado mais académico do canto, em compositores como Falla ou Granados, mas também um outro lado, mais difícil de definir, que se distingue pela sua intensidade muito próxima do flamenco e que, de acordo com a intérprete, exige uma técnica diferente da de uma cantora clássica. "Não se pode falar em imitar um cantor de flamenco, porque tal não é possível, mas de cantar de um modo autêntico, a partir de dentro, recorrendo puramente à sensibilidade."

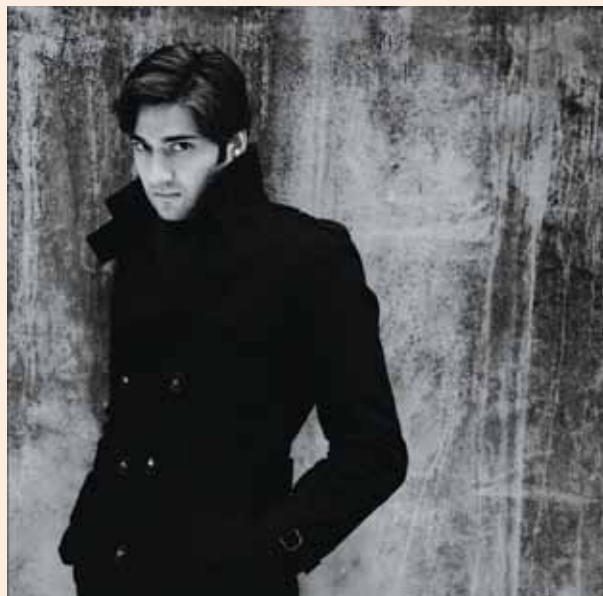


PATRICIA PETIBON © FELIX BROEDE



MICHAL NESTEROWICZ © LUKASZ RAJCHERT

Destaca-se também este mês a estreia mundial de uma nova obra encomendada pela Fundação Gulbenkian (**dia 7, 21h – dia 8, 19h**). Composta por **José Júlio Lopes**, intitula-se *Corpus* e foi escrita para piano e orquestra. O compositor, que é também o diretor artístico da OrchestrUtopica, escreveu a parte para piano especificamente para **Artur Pizarro**, que a vai interpretar, juntamente com a **Orquestra Gulbenkian** dirigida pelo maestro **Michal Nesterowicz**. Para além desta nova obra que explora o conceito de singularidade e fragilidade do corpo, o programa do concerto inclui ainda *Les Préludes* de Franz Liszt, *Rondo à la Krakowiak*, op. 14 de Fryderyk Chopin e *Quadros de uma exposição* de M. Mussorgsky-M. Ravel.



DAVID AFKHAM © FELIX BROEDE

Outro momento importante na programação da temporada é, sem dúvida, o regresso da **Orquestra Juvenil Gustav Mahler** para mais uma residência na Gulbenkian Música (**dia 9, 21h – dia 10, 19h**). Reconhecida como uma das melhores orquestras juvenis mundiais, a excelência das suas atuações tem entusiasmado o público que invariavelmente enche as salas de concertos que acolhem as suas digressões anuais. Dirigida por **David Afkham**, a Orquestra viaja este ano com o violinista **Frank Peter Zimmermann**, trazendo na bagagem um repertório sedutor em que obras de Beethoven (3.^a e 5.^a Sinfonias), se cruzam com peças de Béla Bartók (Concertos para violino e orquestra n.º 1 e n.º 2), Ligeti (*Lontano*) e Dutilleux (*Métaboles*).



ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

Salienta-se ainda, neste mês de abril, a atuação do barítono sueco **Peter Mattei**, que, acompanhado pela **Orquestra Gulbenkian**, vai interpretar o ciclo *Canções de um Viajante* de Gustav Mahler (**dia 14, 21h – dia 15, 19h**). Para além desta obra-prima do repertório do *Lied*, a Orquestra, dirigida pelo maestro alemão **Karl-Heinz Steffens** (antigo primeiro clarinetista da Filarmónica de Berlim), vai ainda dar a ouvir o *Idílio de Siegfried* de Richard Wagner e a Sinfonia n.º 6 (*Pastoral*) de Ludwig van Beethoven. É a primeira vez que Mattei, um dos mais respeitados barítonos da atualidade, se apresenta ao vivo no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. Em outubro do ano passado, o público da temporada do Met Live pôde assistir à sua magnífica prestação no papel de Wolfram na ópera *Tannhäuser* de Richard Wagner. Salta agora do ecrã para o palco, para um dos mais aguardados momentos desta temporada da Gulbenkian Música.

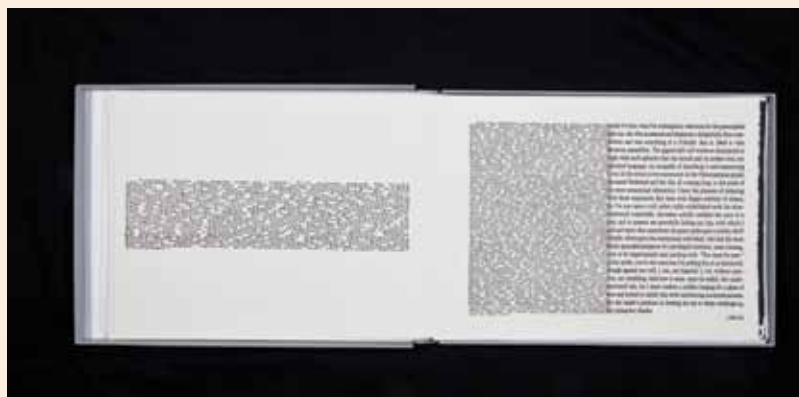


TON KOOPMAN © MARCO BORGREVE

Uma última palavra para o regresso do maestro **Ton Koopman** para dirigir dois concertos dedicados a Wolfgang Amadeus Mozart (**dia 28, 21h – dia 29, 19h**). O grande mestre da música barroca vai dirigir o **Coro e a Orquestra Gulbenkian** num programa que inclui a Sinfonia n.º 25, em Sol menor, K. 183, *Vesperae solennes de confessoris*, K. 339 a *Missa da Coroação*, K. 317 e *Ave verum corpus*, K. 618 com os cantores **Yetzabel Arias Fernandez** (soprano) **Bogna Bartosz** (meio-soprano), **Tilman Lichdi** (tenor) e **Hugo Oliveira** (barítono). No dia 29, antes do segundo concerto, o musicólogo **Rui Vieira Nery** vai apresentar duas obras que serão tocadas neste programa: a *Missa da Coroação* e as *Vesperae solennes de confessoris*. A palestra realiza-se às 18h no Auditório 3 da Fundação e tem entrada livre. Programação completa em musica.gulbenkian.pt

S/ Título

José Pedro Croft e Ana Jotta



No final de dezembro de 2015, o júri do Prémio da Associação Internacional de Críticos de Artes (AICA)-Secretaria de Estado da Cultura-Millennium BCP 2014 deliberou, na área das artes plásticas, atribuí-lo por unanimidade a Ana Jotta (n. 1946) pelo carácter singular da sua produção artística.

Entre as suas obras encontra-se a edição de um livro de artista que resultou da colaboração de Ana Jotta com José Pedro Croft (n. 1957).

Nesta edição de 2003 – de apenas 40 exemplares, numerados e assinados pelos artistas –, coube a Ana Jotta escolher excertos de textos de autores (não identificados), ordenando-os de forma que eles sejam uma espécie de contraponto visual às gravuras, em água-tinta, água-forte e “memória negra”, criadas por José Pedro Croft.

Este livro sem título apresenta-se dentro de uma caixa e foi editado pela casa editora catalã Tristan Barará ediciones, especializada em gravura e livros de artista. É uma das últimas aquisições da Biblioteca de Arte, onde pode ser consultada.

A artista está também representada na coleção do Centro de Arte Moderna com várias obras, que vão da escultura ao desenho. Ana Jotta foi, além disso, vencedora do Grande Prémio EDP/Arte 2013.

Ambientes

Como escreve José de Azeredo Perdigão, no seu livro Calouste Gulbenkian Colecionador, "poeta da natureza, Calouste Gulbenkian adorava as belas paisagens, as árvores, as flores e os animais. Conhecia, como raros conhecerão, os lugares dos arredores de Lisboa, no campo e na praia, ao mesmo tempo os mais acolhedores e os mais recônditos".

A instalação e inauguração do edifício da Fundação Gulbenkian em 1969, no antigo Parque de Santa Gertrudes, não é indissociável da conceção paisagística e desenho do seu Jardim pelo arquiteto Vianna Barreto, coadjuvado pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, cabendo a este último a responsabilidade pela sua evolução nas últimas décadas. Na imagem, podemos ver o diálogo entre o edifício, o lago e o jardim numa perspetiva artística.

Fotografia de Paulo Costa





FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa
www.gulbenkian.pt